



5711 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT24 - Educação e Arte

Uma análise sobre a contribuição da Música Popular Brasileira (MPB) para a educação emancipatória na escola
Ana Angélica Rodrigues de Oliveira - UFF - Universidade Federal Fluminense

UMA ANÁLISE SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (MPB) PARA A EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA NA ESCOLA

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar como a música popular brasileira (MPB) tem sido enfocada na escola, tanto nas aulas de Música, como nas atividades pedagógicas docentes ou nos projetos interdisciplinares desenvolvidos. Parte-se da premissa de que a música popular brasileira (MPB) pode contribuir para a ampliação de experiência estética e cultural do educando, favorecendo uma educação emancipatória. O referencial teórico utilizado pautou-se especialmente em autores da Teoria Crítica. Sobre a música popular brasileira, em sua diversidade de gêneros e movimentos, delineou-se o conceito de “MPB”. Nesse sentido, apresenta-se uma pesquisa realizada em três escolas de ensino fundamental da rede pública municipal de ensino de Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro, a fim de se analisar a presença da MPB no currículo. As entrevistas realizadas nessas unidades escolares a professores e alunos, indicam que a presença da MPB potencializa um ouvinte com a escuta mais sensível e elaborada intelectualmente, como também a experiências estéticas mais diversificadas e emancipatórias.

Palavras-chave: Música na Escola; Música Popular Brasileira (MPB); Educação Emancipatória.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a música popular brasileira no currículo escolar, especialmente após a promulgação da Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016 (que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação), dispondo que a música é uma das linguagens, assim como as artes visuais, a dança e o teatro, que constituirão o componente curricular obrigatório no ensino da arte na educação básica^[1]. Ademais, no âmbito escolar, a música se insere como uma importante linguagem no campo da Arte. A música se faz presente no cotidiano escolar, nas atividades socioculturais, em diferentes momentos organizados pela escola, por professores especializados ou não em música. Pretende-se, portanto, neste artigo abordar se a música popular brasileira (MPB) está presente no espaço escolar, especialmente no que concerne tal inserção no âmbito da prática pedagógica docente e do currículo.

Faz-se necessário esclarecer, a definição de música popular brasileira (MPB) a que estamos nos referindo neste trabalho. Consideramos música popular brasileira (MPB) todos os gêneros e movimentos surgidos no país especialmente ao longo do século XX. Desde as suas raízes mais tradicionais (como, por exemplo, o samba, o choro, o baião) aos gêneros e movimentos mais recentes como a bossa nova, o tropicalismo, a geração oriunda dos Festivais da Canção, os mineiros do Clube da Esquina, os cancionistas nordestinos, dentre outros afins. Os compositores e canções que situam suas obras e carreiras permeadas pela criatividade, como expressões da arte e não como mercadorias oriundas da standardização estabelecida pela indústria cultural.

Ulhôa (2002) reflete que a categoria denominada como MPB é proveniente das gerações ligadas a um projeto de modernização da música popular brasileira, especialmente a geração da década de 1960. A autora destaca que tal categoria é eclética, não identificando necessariamente um ritmo específico, mas a uma postura estética e que todos esses artistas da MPB conquistaram prestígio por esse posicionamento estético. Vale lembrar que a música popular brasileira (MPB) alcançou reconhecimento e sucesso nas diferentes classes sociais, com artistas que, mesmo se relacionando com a grande indústria fonográfica e cultural, mantiveram sua autonomia criativa e estética para a elaboração de suas obras e definição de suas carreiras musicais.

O intenso processo de globalização econômica e mundialização cultural no final do século XX, ocasionou profundas transformações para a indústria fonográfica e cultural. A década de 1970 se caracterizou como um período de grande relevância para a música popular brasileira, em que a variedade e qualidade das obras musicais de diferentes compositores, cantores e instrumentistas puderam participar ativamente no processo de elaboração, produção e difusão do mercado fonográfico. Entretanto, especialmente na década de 1990, a música popular brasileira (identificada como MPB nas décadas anteriores) foi sendo excluída da indústria fonográfica e cultural, que passou a privilegiar outros gêneros e estilos musicais. Diferentes autores como Dias (2008), Melon (2014), Midani (2008) e Vicente (2006) analisam tal processo de mudanças globalizadas e empresariais na indústria fonográfica, assim como as suas consequências para a música popular brasileira, que foi sendo excluída dos oligopólios midiáticos.

Sob tal perspectiva, recorreremos neste trabalho a autores e a categorias da Teoria Crítica que estudam a lógica mercantil na sociedade capitalista tecnológica, que transforma e submete a arte e a cultura em mercadorias adaptadas para o consumo industrial. Adorno e Horkheimer (1985), cunharam o famoso conceito de “indústria cultural”, em que refletem sobre a cultura na sociedade capitalista industrial, onde a “produção da cultura, da arte, dos bens simbólicos, assume uma relação direta com o modelo de produção material (COSTA, 2003, p.181).

Ao analisar tais implicações na música e na Educação, inferimos conforme defende o educador francês Snyders (2008) o papel da escola para uma educação musical significativa e culturalmente relevante. Ademais, destaca a importância de o aluno conhecer a história da obra musical, o contexto cultural da obra e de seu compositor. Snyders (idem) ao defender uma educação intercultural, salienta sua proposta de que se inicie a escolha das obras musicais pelo

contexto cultural do país de origem dos alunos. Dessa forma, ratificamos o pensamento do autor e destacamos a relevância da música popular brasileira (MPB) para o cenário cultural do país ao apresentar uma multiplicidade e riqueza de gêneros, estilos, harmonias, melodias, letras e canções, que se configuram grande parte de nosso mosaico e amálgamas culturais, sendo reconhecida mundialmente pela sua criatividade e plurais estilos. Por esse ângulo, consideramos que a MPB pode desempenhar uma importante contribuição para uma educação musical intercultural, democrática e emancipatória.

Na visão de Adorno (2000), a educação para a emancipação, requer o discernimento entre a dominação e a racionalidade, ou seja, o desenvolvimento da criticidade no âmbito cultural, institucional e educativo. Por conseguinte, a consciência vai além da capacidade formal de pensar, como no caso da inteligência, mas se caracteriza na capacidade de fazer experiências intelectuais. Nogueira (2015) destaca o conceito adorniano de experiência “por meio do qual se entende que uma experiência só é formativa quando opera transformações naquele que a vivencia” (p.38). Dessa maneira, essa experiência formativa do sujeito seria a base para uma educação emancipadora.

Maar (2000) enfatiza que a experiência formativa é bloqueada pela uniformização empreendida na administrada sociedade capitalista industrial, transformando-se numa “semiformação” (ADORNO, 2010), realizada especialmente pela indústria cultural onde a cultura é convertida em mercadoria. No que concerne à música, Nogueira (2015) destaca que a tarefa dos educadores musicais sob a perspectiva adorniana de educação para a emancipação, pressupõe que “a experiência de apreciação musical é atividade intelectual, cognoscente e formativa” (p.39). A autora analisa o papel da escola diante da indústria cultural e a necessidade de se refletir sobre a formação do “gosto musical” e sobre o repertório musical selecionado pelos professores, isto é, as implicações estéticas, culturais, o distanciamento da música como arte.

Adorno (2011) reflete sobre os tipos de comportamento musical a fim de buscar uma categorização dessa escuta nas condições da sociedade atual. Neste artigo, recorremos a dois tipos de comportamento musical analisados pelo autor, por considerarmos pertinentes com os objetivos deste trabalho no tocante ao papel da educação escolar na formação do “bom ouvinte” (ADORNO, idem). Isto é, desenvolver no educando uma compreensão e juízo bem fundamentados sobre a música, com uma escuta além do detalhe musical, estabelecendo relações e não se limitando ao crivo do sucesso ou no arbítrio do gosto; distanciando-se do “ouvinte do entretenimento” (ibidem), daquele consumidor de mercadorias e alvo da indústria cultural, moldado por uma escuta passiva e desconcentrada.

Desse modo, consideramos que a educação escolar pode contribuir para formar indivíduos com conhecimentos e experiências formativas na área da linguagem musical, ao assegurar aos educandos passarem da condição de “ouvintes de entretenimento”, de consumidores da indústria cultural, para a condição de uma escuta mais sensível e elaborada intelectualmente, com referenciais e experiências estéticas mais amplas e democraticamente mais diversificadas. Sendo assim, partimos da premissa neste artigo que a música popular brasileira (MPB) tem um importante papel, se pretendemos uma educação musical emancipatória e formadora de “bons ouvintes”.

No intuito de estudar empiricamente tal possibilidade, realizou-se em 2018 uma pesquisa de campo em escolas da rede pública municipal de ensino de Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro, onde se desenvolve desde o ano de 2003 o projeto intitulado “Música nas Escolas”. A metodologia da pesquisa delimitou-se numa abordagem qualitativa, recorrendo-se à análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e à técnica de entrevista semiestruturada (BAUER e GASKELL, 2002). Na intenção de confirmar se a temática pesquisada ocorria na rede pública municipal de ensino de Barra Mansa, efetuou-se um primeiro contato com a coordenação pedagógica do “Projeto Música nas Escolas”. A partir disso, se realizou um levantamento a fim de identificar professores de Música nas escolas de ensino fundamental que abordassem a música popular brasileira (MPB) como conteúdo em suas aulas. No que tange ao universo e amostragem da pesquisa, foram selecionadas intencionalmente três unidades escolares. No intuito de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados nessas escolas, nomearemos as unidades escolares com nomes fictícios.

A primeira escola onde realizamos as entrevistas, refere-se a uma unidade escolar de anos iniciais do ensino fundamental. Esta escola nomeamos como Escola Municipal Pixinguinha, onde entrevistamos o professor musicalizador^[2], a orientadora pedagógica e quatro alunos do quinto ano do ensino fundamental. Nesta escola entrevistamos também quatro professoras que lecionam no quarto e quinto anos do ensino fundamental, devido ao desenvolvimento de um projeto interdisciplinar referente a gêneros da música popular brasileira.

As outras duas unidades escolares onde se realizaram, foram uma escola dos anos iniciais e a outra dos anos finais do ensino fundamental. A escola de anos iniciais funciona com horário integral para os alunos, tal escola será identificada para este estudo como Escola Municipal Maestro Tom Jobim. Nela entrevistamos o professor musicalizador, a orientadora pedagógica e quatro alunos do quinto ano do ensino fundamental. A terceira unidade escolar, onde se realizou a pesquisa, refere-se também a uma escola de horário integral, do sexto ao nono ano de ensino fundamental, a qual identificamos como Escola Municipal Cartola. Nela entrevistamos o professor musicalizador, a diretora adjunta, e quatro alunos do nono ano do ensino fundamental.

Nesse sentido, a pesquisa empírica apresentada, no que concerne ao “Projeto Música nas Escolas”, se pautou no processo que é obrigatório e se realiza em sala de aula com o professor musicalizador. Ademais, o objetivo central deste artigo é analisar como a música popular brasileira (MPB) tem sido enfocada na escola, tanto nas aulas de musicalização, como nas atividades pedagógicas docentes ou nos projetos interdisciplinares desenvolvidos.

A MPB na Educação Escolar: diferentes visões

No que concerne à proposta pedagógica da escola e à música popular brasileira (MPB), em duas das escolas pesquisadas Escola M. Maestro Tom Jobim e Escola M. Cartola, os profissionais entrevistados (professores musicalizadores, orientadora pedagógica e diretora adjunta), consideraram importante a inserção dessa temática nos projetos pedagógicos a serem realizados pelas escolas. Tal temática quando foi apontada pelos entrevistados, apareceu como uma atividade isolada organizada por algum professor de alguma área, como, por exemplo, de Língua Portuguesa.

Na Escola M. Pixinguinha, quando a pesquisa empírica estava em andamento, a escola desenvolvia um projeto interdisciplinar intitulado “Cantando e Encantando com a Música”, sobre os gêneros musicais brasileiros. Apresentaremos a seguir, a partir dos depoimentos dos entrevistados, alguns aspectos e resultados relevantes desse projeto para a temática analisada neste artigo.

Cantando e Encantando com a Música: uma experiência interdisciplinar de música popular brasileira na E. M. Pixinguinha

De acordo com o planejamento desenvolvido pela escola, o projeto interdisciplinar “Cantando e Encantando com a

Música” envolveu todas as turmas, do Pré I da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental, e transcorreu ao longo do primeiro semestre de 2018. Os diferentes gêneros musicais brasileiros foram distribuídos para cada turma e englobavam os seguintes ritmos de diversas regiões do país: ciranda, frevo, carimbó, xote, cateretê, quadrilha, maracatu, chula, baião, maxixe, marcha-rancho, forró, chorinho, samba e bossa nova. Os professores da escola, em reunião com a orientadora pedagógica e a direção, pensaram em um projeto com a temática música, que possibilitasse ampliar o repertório dos alunos e o conhecimento da diversidade cultural nessa área.

De acordo com os depoimentos do professor musicalizador, assim como das professoras entrevistadas, do quarto e do quinto ano, percebemos a vivência da interdisciplinaridade que envolveu a comunidade educativa ao longo da realização do projeto “Cantando e Encantando com a Música”. Destacaremos algumas falas desses profissionais, a fim de ilustrar o diálogo, a parceria e o comprometimento expressos em seus comentários:

[Professor Musicalizador, E. M. Pixinguinha]: Então eu ajudava a professora na bossa nova. Eu achava alguma coisa da história e as professoras também pesquisavam, eu falava para a professora: achei sobre o samba e mandava para ela um referencial musical. Eu também mostrava nas minhas aulas. Elas faziam o trabalho com as crianças a semana toda, e eu só um dia (...). Ah, professora achei isso também, então um trabalho em equipe (...) As professoras aprendendo a fazer o ritmo, eu ficava bobo: “Olha eu aprendi a fazer esse ritmo aqui!”. Olha, elas também ensaiavam com eles, porque tinha coreografia, por exemplo, tinha ritmo do cateretê, sabe? A gente não vivencia isso, mas foi uma pesquisa, aprendemos. A professora aprendeu o ritmo e eu falei: “Olha que sensacional!” Então juntou tudo, assim, deu certo, de acordo com o que foi proposto.

[Professora A, 5º Ano]: Então o objetivo foi fazer com que as crianças conhecessem a música popular brasileira (...) a escola se propôs mostrar um outro mundo da música, porque elas não têm acesso (...) a direção separou por turma os gêneros musicais e a gente trabalhou dentro dos nossos objetivos, também, interpretação de texto, gramática, tudo dentro do gênero musical, fizemos trabalhos para expor falando da música, coreografia para ser apresentada com a música (...) trabalhei dois gêneros, a bossa nova e o samba.

[Professora B, 5º Ano]: A escola viu que os alunos não conhecem a música do Brasil (...), não conhecem a MPB, outros gêneros musicais. Por isso, desenvolveu o projeto para que os alunos pudessem ter gostos musicais diferentes, escutar outros gêneros (...) Então, eu divido as turmas com a outra professora, eu fico com Matemática, História e Geografia (...) trabalhamos com a bossa nova, a canção “Garota de Ipanema” e o samba “Maracangalha”, do Dorival Caymmi (...) Então, trabalhei a história, não com o conteúdo do semestre, mas foi a história da música, passei trabalho para pesquisarem sobre a música, sobre o compositor.

[Professora C, 4º Ano]: O meu gênero foi o chorinho (...) Primeiro o professor de música começou a introduzir nas aulas o assunto com os alunos e aí a gente foi fazer a pesquisa, uma pesquisa dos instrumentos, quem foi o precursor, que é o Pixinguinha. E como a gente trabalhou essa questão de conhecer os instrumentos (...) e como foi importante eles conhecerem esses instrumentos (...) Ele, o professor, pesquisou, eu achei bacana ele ter feito isso, ele trouxe os *links* em que a gente podia pesquisar mais informação (...) como ele só tem um encontro semanal com a turma, a gente ensaiava o “Carinhoso” com os alunos também, até para buscar uma perfeição, pra eles entenderem bem a melodia, aquele encontro da música e a letra, a mensagem que ela passa.

As falas dos profissionais entrevistados evidenciam o desenvolvimento, a motivação, para refletirem sobre como poderiam desenvolver a temática do projeto, de acordo com o ano de escolaridade dos alunos e a área do conhecimento disciplinar em que lecionam em suas turmas. Isso é fundamental para a realização e o êxito de um projeto interdisciplinar. Ademais, os depoimentos realçam também a percepção dos docentes sobre a relevância da temática escolhida, evidenciando-se que consideram ser papel da escola possibilitar aos alunos outros referenciais culturais em relação à música, pois o que normalmente têm acesso está cada vez mais distante dos referenciais e gêneros da música popular brasileira (MPB).

Uma outra questão que consideramos significativa perguntar às professoras do quarto e do quinto ano, referente ao repertório desenvolvido no projeto sobre gêneros e ritmos da música popular brasileira (MPB): como foi o envolvimento e a participação dos alunos em relação ao repertório e às atividades propostas pelos professores? Assim destacamos algumas falas das professoras entrevistadas:

[Professora A, 5º Ano]: Eles adoraram, com certeza. Eu queria fazer um teatro com a “Garota de Ipanema”, alguns têm vergonha de expor, a gente trabalha também isso com eles, essa vergonha deles e tal. Então, eles ficaram muito eufóricos com a apresentação (...) fiz o teatro em sala de aula com eles, sobre a “Garota de Ipanema”. Colocamos os participantes, figurantes, a história da composição, dos dois amigos Tom Jobim e Vinícius de Moraes que viram a garota passando que ia para a praia e fizeram a música (...). E as outras músicas também. Ao longo do semestre teve rima, produção de texto, eu perguntava: Como você imagina a garota de Ipanema? De onde ela veio? Pra onde ela foi? Será que um deles casou com a “Garota de Ipanema”? Eu fui estimulando o pensamento deles, além da música (...). Então, eles mostraram bastante interesse na música. Eles não estão acostumados com histórias, com a música que conta história, de prestar atenção na letra da música, o que diz. Hoje em dia, a música está muito sem contexto, então eles não sabem analisar a música, a história. Não sabem ver que tem uma história, que a música quer passar alguma mensagem (...). Eles cantam por cantar, qualquer música (...) Agora, eles trazem a música, trazem a música escrita, é legal essa música? Não é? Que mensagem traz? Oh, professora, nada a ver essa música, né? (...) Como eu falei, eles não têm isso em casa, então está sendo aqui na escola que eles estão vendo. Eu estou procurando ver com que eles curtam essa melodia, como diz a minha mãe: “É igual a paladar, tem que acostumar pra você gostar, né?” Tem que praticar pra você gostar, a mesma coisa é a música, você tem que praticar, tem que ouvir, tem que interagir, pra estar na sua cabeça e fazer com que você goste. E é isso que eu proponho aqui.

[Professora B, 5º Ano]: Então, eles receberam muito bem, assim a “Garota de Ipanema”, eles só ficaram chateados porque eles queriam que fosse mais rápido e foi a música original. Eles queriam que acelerasse a música porque eles são mais acelerados, a juventude de hoje é assim, aí eles ficaram um pouquinho chateados porque a música da outra turma era mais rápida, era um samba, mas aceitaram bem também (...) Eles fizeram os trabalhos, fizeram a pesquisa com afínco, porque muitas vezes não querem fazer. Fizeram os instrumentos da canção. Achei que eles foram receptivos.

Julgamos necessário evidenciar alguns comentários interessantes nas falas das professoras do quinto ano. As duas mencionam a receptividade dos alunos diante do repertório musical apresentado e destacam o grande envolvimento e a participação dos mesmos nas atividades desenvolvidas como o teatro, a dança, o canto, a produção textual e a pesquisa. Além disso, a professora “A”, do quinto ano, frisa a importância do acesso aos gêneros da música popular brasileira (MPB) em que os alunos revelam prestar atenção na letra mais elaborada e poética, na melodia das canções, e como as crianças precisam ouvir, se familiarizar com esses repertórios musicais geralmente distantes de suas realidades familiares e culturais. A referida professora enfatiza, ainda, a sua ação pedagógica no intuito de levar os alunos a desenvolver um novo “gosto musical” (ADORNO, 1983), e reforça que, para isso, os alunos precisam ouvir, vivenciar, praticar, interagir e se familiarizar com esse repertório musical mais amplo, diversificado e distante dos referenciais padronizados da “indústria cultural” (ADORNO e HOKHEIMER, 1985).

Nos depoimentos das professoras do quarto ano também se evidenciam expressivamente o envolvimento e a participação dos alunos, nas atividades propostas para o repertório musical relativo à música popular brasileira:

[Professora C, 4º Ano]: Ah, eles gostaram muito, quando eu começava, vamos cantar, aí eles: “Meu coração ...” (...) Quando o professor de Música me chamou para ver como eles estavam cantando “Carinhoso”, estavam perfeitos! Eles interagiam e ainda faziam gestos, aí eu falei: “Espera aí, vamos fazer uma dramatização!” Então eu comecei a ensaiar a dramatização pra eles fazerem e eles gostaram muito. Eles fizeram o bandolim com material reciclável, que faz parte da contextualização em Ciências em que estamos trabalhando o meio ambiente (...) “Mas tia como que a gente vai fazer?”, eu falei: “Vamos imaginar os materiais que nós podemos fazer” (...) Então surgiram ideias assim (...). Eu fiquei encantada, não esperava esse resultado (...). Conheceram e trouxeram outros instrumentos, mas eles se propuseram fazer o bandolim e fizeram com êxito, foi muito bacana. (...) Trabalhamos a melodia, a questão da poesia, a letra da música, a gramática, um pouco da história do choro e a produção de texto.

[Professora D, 4º Ano]: Foi muito bom, porque o forró é um ritmo contagiante (...) e nós fizemos a apresentação com aquela música “Forró do Xenheném” que a Elba Ramalho gravou, foi muito bom, muito gostoso e envolvente a participação dos alunos(...) Teve canções também do Gonzaguinha, do Luiz Gonzaga “Asa Branca” (...) O forró é um ritmo envolvente, a MPB traz essa questão reflexiva, eles estão no quarto ano. Então, eles já têm um senso crítico maior, eles já analisam melhor a letra, interpretam, trazem para a realidade, fazem análise (...) A gente leva a música pra sala de aula, você acaba envolvendo o aluno, dá uma aula diferente, mais dinâmica, mais atrativa, que prende a atenção deles (...), eu consegui atingir o meu objetivo.

Podemos inferir, a partir das falas das professoras do quarto ano, algumas das atividades realizadas com os alunos e o amplo envolvimento dos mesmos, seja na dramatização, na confecção de instrumentos musicais, na produção textual e, de forma interdisciplinar em diferentes áreas, tais como: na Língua Portuguesa, na Arte, nas Ciências e na História.

Snyders (2008), conforme ressaltamos inicialmente neste artigo, discorre sobre a tarefa do professor em proporcionar aos alunos experimentarem as grandes alegrias estéticas, como um direito que possuem a uma educação democrática e progressista. Nos relatos das professoras, destaca-se a satisfação e a abertura discente ao se depararem com novos saberes, objetivando levá-los a um conhecimento artístico musical de seu país, mas que, atualmente, se encontra distante da vivência cultural dessas novas gerações. Ademais, ao explicarem como a música possibilita aulas mais atrativas e dinâmicas, precisamos ainda evidenciar que as professoras conseguiram alcançar seus objetivos didático-pedagógicos, mesmo não sendo professoras de Música. Isso não diminui a importância do papel do professor habilitado em Música, que teve, inclusive, um papel determinante para a organização do projeto nessa escola, mas revela que a música popular brasileira (MPB) pode ser enfocada como conteúdo em qualquer área do conhecimento ou ano de escolarização.

Outro aspecto que consideramos pertinente enfatizar na fala da professora “D”, do quarto ano, é o processo de reflexão que a linguagem musical, através da MPB, propicia para o desenvolvimento do senso crítico, na ajuda da interpretação, da análise da realidade: “... a MPB traz essa questão reflexiva, eles estão no quarto ano. Então, eles já têm um senso crítico maior, eles já analisam melhor a letra, interpretam, trazem para a realidade, fazem análise”. Essa é uma outra questão em destaque para este trabalho, a experiência de apreciação musical, que, sob a perspectiva adorniana, é uma atividade intelectual, cognoscente e formativa (NOGUEIRA, 2015). Sendo assim, a música popular brasileira (MPB), devido a sua criatividade melódica, pujança poética, amalgamentos culturais e diversidade de gêneros, pode suscitar não somente a sensibilidade e a emoção estética, mas uma atividade intelectual de compreensão musical. Ressaltando-se, ainda, que, além dos referenciais mais ligados à musicalidade, pode ocasionar também a interpretação e leituras nas várias áreas do conhecimento e de identidades culturais. Distinguindo-se, portanto, dos referenciais da “indústria cultural” (ADORNO e HOKHEIMER, 1985), em que a música se submete à lógica de padronização cultural mercadológica, que condiciona, limita, intervém na liberdade e na autonomia do sujeito reflexivo.

Por fim, perguntamos também como se deu a participação dos pais dos alunos, durante o projeto, o professor musicalizador da escola, assim como as professoras entrevistadas, consideraram a participação dos pais muito boa. O projeto interdisciplinar “Cantando e Encantando com a Música”, desenvolvido na E. M. Pixinguinha, confirma as inúmeras possibilidades da música popular brasileira (MPB) inserir-se como temática e conteúdo em projetos, nas aulas, no planejamento didático-pedagógico docente e da escola.

A MPB na Aula de Musicalização: as visões dos professores musicalizadores e dos alunos

Neste item, especialmente relevante para os objetivos deste artigo, abordaremos a aula de musicalização, a partir da visão dos professores musicalizadores e dos alunos entrevistados nas três escolas pesquisadas. Enfocaremos o planejamento das aulas do professor em vários aspectos: como se realiza uma articulação com professores de outras áreas, a escolha do repertório, se a música popular brasileira (MPB) está presente nos conteúdos e atividades, e se ocorrem momentos para o diálogo e a reflexão sobre as músicas veiculadas pela grande mídia e a indústria cultural.

No que tange a alguma articulação do planejamento das aulas e atividades do professor musicalizador com outras áreas disciplinares, e se ocorre a inserção da música popular brasileira (MPB), os depoimentos dos entrevistados apresentaram uma distinção nos resultados. A partir dos depoimentos dos alunos e professores, evidencia-se que, na E. M. Pixinguinha, onde se realizou o projeto interdisciplinar, todos os entrevistados descreveram como as professoras das diferentes áreas disciplinares trabalharam com esse repertório. Entretanto, na E. M. Cartola e E. M. Maestro Tom Jobim, a maioria dos

alunos, cerca de setenta e cinco por cento, relatou que os professores das outras áreas não abordam tal temática em suas aulas. Esses resultados realçam a importância da escola e dos professores de diferentes áreas disciplinares, abordarem conteúdos relacionados à MPB, a fim de que os educandos possam ter o acesso a uma compreensão, memória e aprendizagens efetivas com tais saberes e conhecimentos culturais no âmbito da música.

A segunda se referiu ao repertório das aulas do professor musicalizador, como se dá a escolha desse repertório diante das diversas possibilidades de gêneros musicais, estilos, épocas e culturas, e se a música popular brasileira (MPB) faz parte de tal repertório. As repostas dos professores musicalizadores apontaram que cada um possui critérios distintos e de acordo com as visões que construíram ao longo de suas vidas, com as experiências musicais, e na prática pedagógica docente. O professor da E. M. Pixinguinha descreveu utilizar os seguintes critérios: a letra das músicas, o ritmo e a melodia. Além disso, enfatizou que, para cada turma, procura registrar o que deu certo, o que não deu, e adaptar ao desenvolvimento dos alunos e às necessidades da turma. O professor de musicalização da E. M. Maestro Tom Jobim respondeu que escolhe o repertório a partir das possibilidades que a música oferece para trabalhar com os alunos e atender aos seus objetivos. O professor da E. M. Cartola, respondeu que seleciona o repertório a partir do que considera ser importante dentro do seu conhecimento musical e de suas experiências como pesquisador e professor de música.

Em relação ao repertório das aulas de Musicalização e a MPB, ressaltamos alguns aspectos relevantes apontados. Nesse item, a análise se pautou nas visões dos professores musicalizadores e dos alunos entrevistados nas três escolas pesquisadas. Um dos resultados apresentados, que se diferenciou da experiência descrita anteriormente na E. M. Pixinguinha, se refere à presença da MPB em projetos interdisciplinares na escola. Na E. M. Cartola e E. M. Maestro Tom Jobim, de um modo geral, somente nas aulas de Musicalização se revelou tal repertório musical. Por outro lado, nas três escolas pesquisadas, os professores musicalizadores desenvolvem em suas aulas repertórios musicais que contemplam a MPB. Além do que, os alunos quando questionados sobre o que aprendem nas aulas de Musicalização, apontaram, em primeiro lugar, aprender músicas que eu não conhecia; em segundo lugar, questões relacionadas a voz, ritmo, notas musicais e aprender um instrumento; em terceiro lugar, aprender a história da música, da música brasileira, as origens, os conceitos e os gêneros musicais. Sobre o repertório musical de MPB desenvolvido nas aulas, os alunos citaram as mesmas canções que foram as mais destacadas pelos professores musicalizadores em seus depoimentos, como também aquelas apontadas pelas professoras da E. M. Pixinguinha. Entretanto, quando solicitados para citarem o nome do/a compositor/a e o gênero musical da canção citada por eles, geralmente não recordavam.

Consideramos, então, necessário que os professores musicalizadores, ao abordarem uma canção, desenvolvam a sua contextualização com o/a compositor/a, sua obra e o gênero musical. Ademais, sugerimos, a fim de que os alunos possam conhecer com maiores detalhes a canção e compreender o amplo universo cultural na qual está inserida, abordar seus compositores e principais intérpretes, a letra, a melodia, e, principalmente, a vivenciá-la seja ouvindo, cantando, tocando ou, até mesmo, dançando. Nesse sentido, projetos interdisciplinares como o realizado na E. M. Pixinguinha, que envolvam vários professores de diferentes áreas, possibilitam uma maior vivência dos alunos para se apropriarem de um repertório musical da MPB.

Por conseguinte, ainda em questões abordadas com os professores musicalizadores, indagou-se sobre dois aspectos importantes para esta pesquisa: se há momentos nas aulas de Musicalização para o diálogo e reflexão sobre as músicas veiculadas pela grande mídia e a indústria cultural; e se poderiam descrever algum conteúdo ou atividade desenvolvidos nas aulas que possibilitaram a fruição e a apropriação do gênero MPB. Os três professores entrevistados responderam afirmativamente a essas questões.

A análise dos depoimentos desses professores comprovou que, no planejamento e nas ações didático-pedagógicas desenvolvidas, há espaços para abordarem conteúdos e reflexões com os alunos sobre os repertórios musicais veiculados pela grande mídia e a indústria cultural. Os planejamentos e ações indicam que há momentos e abordagens para a reflexão e ampliação dos conhecimentos musicais dos alunos no âmbito da música popular brasileira (MPB), como também no que concerne aos repertórios musicais provenientes da indústria cultural. Dessa forma, ao realizarem um paralelo dos diferentes gêneros da MPB com repertórios, gêneros ou ritmos musicais, atualmente veiculados pela grande mídia e a indústria cultural, buscam levar o aluno a refletir e compreender os mecanismos de padronização mercadológica, que reduzem gêneros tradicionais da música popular brasileira como, por exemplo, a “música caipira (convertida em sertaneja), do pagode e do samba de roda (que virou axé-music)” (BURNETT, 2008, p. 111-112). Os depoimentos dos professores revelaram o desenvolvimento da “experiência formativa” (MAAR, 2000), isto é, uma prática docente com atividades estimuladoras de apropriação de conhecimento no âmbito da MPB, de processos reflexivos e de uma escuta mais elaborada.

No que tange às visões dos alunos entrevistados nas três escolas pesquisadas sobre as aulas de Musicalização e a MPB, destacamos alguns resultados significativos. Em primeiro lugar, os depoimentos dos alunos, sobre as questões analisadas em vários aspectos, assemelham-se às visões apresentadas pelos professores. Os alunos identificam a ação pedagógica docente no sentido de buscarem uma ampliação no repertório musical, apresentando gêneros e ritmos da MPB, geralmente mais distantes das realidades descritas pelos educandos. Por outro lado, os docentes estabelecem uma relação dialógica e intercultural com os alunos, aproximando-se de seus hábitos e gostos musicais, mesmo que sejam provenientes de referências da indústria cultural. Entretanto, buscam ampliar a compreensão sobre como são produzidos esses referenciais, além de apontarem as origens presentes nesses ritmos e gêneros musicais. A ação mediadora docente é percebida pelos alunos no sentido de identificarem a possibilidade de ampliarem seus conhecimentos.

Além disso, ao analisarmos os depoimentos dos alunos, percebemos a ação dos professores no sentido de favorecer a formação de uma escuta mais atenta e elaborada, como também a ampliação do gosto musical. Consideramos tal resultado como o mais expressivo para esta pesquisa: a confirmação, por meio das falas dos professores musicalizadores e dos alunos, da ação pedagógica docente no sentido de estimular o educando para uma escuta mais elaborada, que não se limite ao crivo do sucesso ou de uma escuta desconcentrada e passiva. Na medida em que a ação pedagógica docente revelou estimular o aluno a uma maior compreensão e juízo sobre a música, podemos inferir que a educação musical escolar contribuiu para a formação do “bom ouvinte” (ADORNO, 2011).

Considerações Finais

Julgamos relevante realçar a partir da análise e os resultados apresentados da pesquisa, em primeiro lugar, a percepção favorável dos diferentes segmentos da comunidade escolar dentre orientadoras pedagógicas, professores de música, de outras áreas disciplinares e alunos, sobre a inserção da música popular brasileira (MPB) no currículo escolar. Além disso, a presença da MPB na escola, seja nas aulas de musicalização, em atividades pedagógicas dos professores de diferentes áreas do conhecimento, como também em um projeto interdisciplinar. Ademais, os resultados da pesquisa indicam, a partir da análise das falas dos entrevistados, que a presença da MPB amplia o “gosto musical” e potencializa um ouvinte com uma escuta mais sensível e elaborada intelectualmente, proporcionando experiências estéticas democraticamente mais diversificadas e emancipatórias.

Referências

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Calmon (Orgs.). *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

_____. *Introdução à Sociologia da Música: doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. *Lei nº 13.278/2016*. Altera o § 6º do art.26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: [HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03). Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. *Lei nº 13.415/2017*. Altera o § 2º do art.26 da Lei nº.9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [HTTP://www.planalto.gov.br/civil_03](http://www.planalto.gov.br/civil_03). Acesso em: 05 mar. 2019.

BURNETT, Henry. Cultura Popular, Música Popular, Música de Entretenimento: o que é isso, a MPB? In: *Revista Artefilosofia*. Ouro Preto, n.4, p. 105-123, jan. 2008.

COSTA, Berlamino. Indústria Cultural: análise crítica e suas possibilidades de ocultar ou revelar a realidade. In: PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 2003.

DIAS, Marcia Tosta. *Indústria Fonográfica Brasileira e Mundialização da Cultura*. São Paulo: Boitempo, 2008.

MAAR, Wolfgang. Educação Crítica, Formação Cultural e Emancipação Política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994.

MIDANI, André. *Música, Ídolos e Poder: do vinil ao download*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MELON, Claudio. Entre Tapas e Beijos: a reestruturação da indústria fonográfica na era da reprodutibilidade digital. In: *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 3, v.1, p. 37-53, jan./jun. 2014.

NOGUEIRA, Monique. Postar é Preciso, Viver não é Preciso: transformações no conceito de experiência estética. In: *Revista Impulso*, Piracicaba, v. 25, n.62, p.37-44, jan./abr. 2015.

SNYDERS, Georges. *A Escola Pode Ensinar as Alegrias da Música?* São Paulo: Cortez, 2008.

ULHÔA, Martha. Categorias de Avaliação Estética da MPB – lidando com a recepção da música popular brasileira. In: IV Congresso Latinoamericano de La Asociación Internacional para El Estudio de La Música Popular, 2002, Cidade do México, p. 1-18.

VICENTE, Eduardo. A Vez dos Independentes (?): um olhar sobre a produção musical independente do país. In: *Revista E-Compós*, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.7, p. 1-19, dez.2006.

[1] 1ª Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, alterou o parágrafo 2º do artigo 26 da Lei nº 9394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a seguinte redação: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório na educação básica”.

[2] A nomenclatura adotada ao longo deste artigo será “professor musicalizador”, termo utilizado pelo Projeto “Música nas Escolas”, para o professor (a) que ministra as aulas de Música no currículo obrigatório da rede municipal de ensino de Barra Mansa.